

Primeira e Inusitada Experiência Lúcida Fora do Corpo

First and Unexpected Out-of-Body Lucid Experience

Primera e Inusitada Experiencia Lúcida Fuera del Cuerpo

Cleverson Luiz Rachadel*

* Geógrafo. Voluntário do Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC).

cleverson.rachadel@yahoo.com.br

Texto recebido para publicação em 10.03.10.

.....

Era criança, cerca de 9 anos de idade, entre 1986 e 1987. Não tenho como precisar mais o momento. Naquela época não vislumbrei a importância da experiência e não fiz registros escritos. Mas foi suficientemente marcante para estimular o interesse pelo assunto na adolescência e na adultidade.

A experiência ocorreu na cidade de São José, em Santa Catarina. Residia em um apartamento com meus pais e dois irmãos um pouco mais novos que eu.

Certa noite, depois do jantar, fui até a cozinha e pedi à minha mãe por um pacote de bolachas. Respondeu-me que os biscoitos haviam acabado. Acatei a resposta e fui me entreter com outros interesses.

Logo mais, todos foram dormir.

Já pela manhã do dia seguinte, quando a luz do Sol clareava o quarto onde dormia com meus dois irmãos, abri os olhos, deitado na cama. Ágil, me coloquei de pé, disposto e sabendo aonde queria ir. Saí do quarto, avancei pelo corredor e entrei na cozinha em passos largos, rápidos. Para alcançar o armário, me apoiei no balcão, e, ao abrir a porta do móvel, como se soubesse o que iria ver, contente, descobri o objetivo: o saco de bolachas dentro da tigela translúcida. Percebi tudo com nitidez, inclusive o ângulo de inclinação do pacote.

Porém, imediatamente, acordei na cama. De novo? Abri os olhos. Me senti disposto e curioso pelo que poderia ser uma confirmação. Será? No ambiente, a mesma clareza. Fui tão ágil quanto antes em direção à cozinha, fiz questão de repetir os mesmos movimentos, apoiando-me no balcão do armário e alcançando a porta, para então abrir e ver: o saco de bolachas exatamente naquela mesma posição vista antes, dentro da mesma tigela. Desta vez, eu estava acordado, usando o corpo físico. Pude, finalmente, comer as bolachas.

Vale fazer algumas observações para consideração dos leitores.

Primeiramente, o grau de impacto pessoal, indiscutível, verdadeiro privilégio em se tratando de uma primeira experiência de projeção consciencial lúcida. Precisamos sempre valorizar as vivências pessoais, pois é com elas que fazemos nossa evolução. É provável que muitas pessoas tenham somente uma experiência lúcida por não dar a devida atenção à ocorrência.

Segundo, o detalhe de minha mãe ter guardado segredo sobre os biscoitos foi um fator fundamental para o sucesso da experiência. Não estou propondo que se saia extrafisicamente por aí para desmentir companheiros de jornada. No contexto, minha mãe, conhecedora de seus três filhos, sabia que os doces eram logo tragados pelos pequenos, à revelia dos horários de refeição, e muitas vezes de modo egoísta – era quem comia primeiro. O fato de eu ter aceitado com naturalidade o que ela me disse também foi importante, pois me manteve desconhecido da existência do objeto.

Há duas perguntas sobre o período extrafísico do experimento que merecem atenção: 1. Por que e como eu sabia aonde ir? 2. Por que, mesmo usando o psicossoma, abri a porta do armário?

Para responder à primeira questão levantada, não tive nenhuma informação que me indicasse uma solução consistente. Considero que houve algum processo que ocorreu inconscientemente ou, pelo menos, sem rememoração, mas isto poderia levar a várias suposições sem base neste contexto. Quanto à segunda pergunta, como já observei em outras experiências pessoais, entendo que foi simples reflexo condicionado da vida humana, traduzido numa fictícia “abertura de porta” (na realidade, abri a forma-pensamento de uma porta). A paravisão do psicossoma, livre de condicionamentos, supera qualquer objeto físico.

Ressalto também que, na infância, havia ideias inatas, próprias, de um forte desejo de voar e de controlar objetos através do pensamento. Em brincadeiras, às vezes desafiava a realidade tentando praticar uma ou outra coisa. Tais ocorrências não se deram nesta primeira experiência extrafísica, mas indicam alguma predisposição para o evento.

Pergunto-me o que colegas que não consideram sequer a hipótese das projeções da consciência diriam sobre este relato: sonho lúcido? Coisa de criança? Confusão mnemônica? Perturbação perceptiva? E aqueles que consideram que exista a ocorrência do parapsiquismo, mas não a saída para fora do corpo humano: sugeririam telepatia ou clarividência viajora? Existiria uma teoria melhor do que a projeção da consciência para fora do corpo físico? Esta última hipótese significa que o fenômeno descrito se tratou da separação momentânea e benigna entre o corpo humano e a minha consciência, através de um outro corpo mais sutil, permitindo o acesso a uma informação até então desconhecida, tornando-a surpreendente e verificável.

Nisto se vê a importância intransferível da autoexperimentação e do consenso entre os autopesquisadores. Naquela época, ainda criança, não entendi aquela ocorrência como sendo uma experiência fora do corpo. Na realidade, simplesmente não entendi o que era. Mas ela foi uma referência, à qual se juntaram outras, posteriormente. Dei valor e fui em busca de mais informações, estudos e técnicas. E é por isto que estas palavras estão aqui registradas.

Por fim, podemos cogitar que experiências deste tipo, neste período da vida, indicam que a educação projeciológica pode ocorrer em fase pré-adolescente, com métodos adequados e respeitando a liberdade de escolha. Falar abertamente do fenômeno da projeção consciente possibilita ao jovem avaliar suas experiências pelo ângulo técnico da Projeciologia e compará-la a toda uma gama de informações e suposições que a família, a escola e a sociedade em geral prontamente lhe oferecem.

